



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Programa Observatório da Educação Projeto de Pesquisa: Desafios da Educação de Jovens Adultos Integrada à Educação Profissional: Identidades dos Sujeitos, Currículo Integrado, Mundo do Trabalho e Ambientes/Mídias Virtuais

RELATÓRIO DO IV SEMINÁRIO DA REDE DE PESQUISA OBEDUC UFG/UFES/UnB

Local de realização: Faculdade de Educação - UnB

Data: 17 e 18/02/2017

17/02/2016

10h às 10h30min

- Acolhida com café e prosa.

10h 30min às 10h50min – Informes

- **Coordenador/a: Maria Emilia de Castro Rodrigues**

10h50min – Apresentação da pesquisa de pós-doutorado:

Tema: EDUCAÇÃO E TRABALHO PARA JOVENS E ADULTOS – COMPREENDENDO RELAÇÕES E MEDIAÇÕES POR SUAS HISTÓRIAS DE VIDA

Profª. Drª Maria Margarida Machado – Professora Associada da Faculdade de Educação/PPGE/UFG

A professora utilizou slides para discutir sobre o seu objeto de estudo na pesquisa. A pesquisa de pós-doutorado, realizada durante os meses de março a novembro de 2016, na Universidade de Sevilha – Espanha, buscou aprofundar o uso do recurso metodológico de análise das histórias de vida pelos estudos biográficos e autobiográficos, bem como pela sistematização de conhecimentos e experiências, para identificar as potencialidades e os limites destes recursos, na compreensão da produção de conhecimento dos educandos e educadores da Educação de Jovens e Adultos (EJA), nas relações que podem ser estabelecidas entre conhecimentos prévios e os conhecimentos novos, produzidos no processo ensino-aprendizagem e nas suas experiências de trabalho e vida. Esta opção de estudo nos colocou frente à necessidade de retomada de conceitos, tais como indivíduo e sociedade, cuidando para superar possíveis interpretações impressionistas ou subjetivistas, quando se trata do trabalho especificamente com história oral ou sistematização de experiências. As análises conceituais e históricas contribuíram para a apreensão do potencial de interpretação das histórias de vida e nos aproximaram da experiência mais concreta de aprendizagem efetivada por Antonio Gramsci, em seu processo de estudos e produção no cárcere. Os aprofundamentos realizados contribuíram para a retomada dos conceitos de pesquisa e produção do conhecimento em Ciências Humanas; de educação e aprendizagem; de trabalho intelectual e produção de conhecimento, a partir das narrativas, memórias e depoimentos já recolhidos nas pesquisas realizadas nos últimos anos. Como resultante desse processo investigativo, apresentamos um relatório síntese dos estudos, que será objeto de maior aprofundamento entre os pesquisadores que participam dos projetos de pesquisa vinculados a Educação e Jovens e Adultos e Educação Profissional, nos projetos do Observatório da Educação da Capes e do Centro Memória Viva. Ainda como resultante desse processo de estudos apresentamos, no âmbito do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, uma nova disciplina para ser ministrada a partir de 2017, focalizando as contribuições de Antonio Gramsci para pensar a política e a educação no Brasil.



A Prof^a Maria Margarida, após apresentar sobre as narrativas biográfica e autobiográfica, refletiu sobre a importância da pesquisa na vida dos pesquisadores, mesmo após o término do Programa Obeduc. Reportando ao Proeja e aos Diálogos Proeja realizados nos anos anteriores, afirma que “esses olhares são sempre incompletos” nas entrevistas e grupos focais realizados. Daí a importância de retomá-los para uma nova escuta. Logo em seguida, indaga:

- Será que conseguimos fazer essa permanência na escuta dos sujeitos do Proeja?
- Não podemos olhar a realidade dessa totalidade olhando somente os casos, sem pensar na interpretação do vivido.
- Os depoimentos são uma grande inquietação pelo o que eles dizem e pelo o que eles não dizem. *É preciso que seja trabalhado o não dito*. Porque, às vezes, o dito ele é tão mais significativo pra nós que estamos lutando pela defesa do Proeja, que o silêncio não foi apropriado ou totalmente apropriado.

Nesse aspecto temos um desafio muito grande:

- De que maneira estamos interpretando aquilo que é dito pelos sujeitos? Temos uma grande dificuldade de interpretar o que é vivido pelo sujeito. É preciso duvidar daquilo que eu só quero ouvir. Ir para dentro da fala dos sujeitos.
- Nos Diálogos EJA é preciso fazer uma permanência na escuta. Porque, pra gerar dúvida, não podemos ter somente um contato com o sujeito.
- E o nosso esforço na rede? Quantos de nós permanecerão? Quantos estamos aqui desde o primeiro ano?
- Não pode acabar essa relação dialógica com a EJA e a Educação Profissional no momento que acabar a defesa do TCC, a defesa do Mestrado, a defesa do Doutorado. Porque, a perspectiva de avançarmos nesse diálogo implica em mudança do sujeito, não somente daquele que está lá no campo da pesquisa, mas de nós pesquisadores exigiria um esforço entre nós mais tempo. Pra podermos avançar um pouco mais na perspectiva teórico-metodológica nós queremos esses sujeitos emancipados? Queremos ver uma mudança de realidade?
- A consequência daquilo que estamos fazendo vai nos empurrando para vários outros lugares...
- Até que ponto estamos percebendo que a questão biográfica e autobiográfica é uma necessidade que nos direciona ao questionamento do por que estamos fazendo essas opções?
- O que fazemos para que todo o investimento feito resulte na inquietação com o problema? Porque não faz pesquisa somente quem faz mestrado ou doutorado.
- Uma busca constante pelo diálogo nos faz olhar para a rede e enfrentar os nossos próprios limites.
- As nossas escritas sejam elas biográficas ou autobiográficas, ou sejam elas apropriação de narrativas e relatos dos sujeitos, todas elas tem datação e endereçamento. Diante disso, qual a interpretação que nós faríamos hoje das doze falas dos sujeitos no Diálogos EJA do IFG da primeira turma do Proeja em Técnico em Serviço de Alimentação? Ao refazer a escuta da fala desses sujeitos, questionamos diferente daquilo que questionamos num primeiro momento. A narrativa permite isso. “Sou capaz de escutar e interpretar de outro jeito essa fala?” No calor do diálogo tinha um sentido aquela fala, hoje ela tem outro. Por que hoje ela tem outro? Porque estamos falando de um Proeja que já tem muito tempo de caminhada, muito embate no IFG, por isso tem outras coisas para



dizer...Nesse tempo, o que conseguimos e o que não conseguimos fazer, além de conseguir títulos e publicar artigos?!?

Vale a pena colocar uma dúvida naquilo que interpretamos para sabermos para que lado está indo essa modalidade. Não dá para duvidar sozinho, mas em grupo para saber se o que foi interpretado está correto. Nós amaduremos no processo de escuta e escrita.

A fala do outro é contaminada pelas opções que fazemos. Muitas apropriações que fazemos são indevidas:

- Como podemos ter um bom informante e uma boa história pra contar? Como vencemos a dificuldade de encerrar os relatos biográficos iniciados?
- Há pesquisas em que os sujeitos não querem falar mais. Essa reação do sujeito não querer falar mais talvez seja um bom objeto para voltarmos a analisar. Como mediamos também, a contradição de relatos cruzados que são fundamentais para tirarmos uma conclusão da escuta?
- Que análise em profundidade eu posso fazer de uma narrativa que foi publicada sem com isso determinar essa própria narrativa?

Uma coisa é a fala do professor e você respeitando o que ele disse ao fazer uma análise e problematizar na dissertação, ou simplesmente o condena por não concordar com ele. Há contradições que precisam ser mais bem exploradas. Muitas vezes damos ênfase numa centralidade de fala, e não damos escuta para uma outra fala que é contraditória:

- Como controlar a nossa própria impaciência enquanto investigador? Como eleger entre os relatos biográficos para análise o que de fato faz sentido para o objetivo da investigação, sem que isso se configure como deturpação da realidade? Devemos nos preocupar em não colocar questões que não estejam de fato vinculadas com a realidade.

O maior perigo da utilização dos relatos de vida é a fetichização do próprio método. É importante reconhecer os limites que o método biográfico narrativo apresenta. As informações mais cruciais não vamos encontrar nos nossos roteiros, nas nossas entrevistas... É preciso estabelecer uma relação com os sujeitos fora desses momentos, exemplo: momento do café, etc. É preciso rever a questão da metodologia dentro da graduação e pós-graduação a partir das inquietações.

É preciso ter esperança que aquilo que estamos fazendo tenha alguma coisa a dizer sobre resistência, tenha alguma coisa a dizer sobre pertencimento...

No final da fala, a professora Maria Margarida fala sobre os embates com a Capes no decorrer dos últimos quatro anos na defesa daquilo que a equipe acreditava ser possível. Salaria que o Obeduc é resultado desse esforço coletivo de conscientizar a Capes a acreditar na pesquisa, na graduação e com os professores da educação básica. Vale, nesse momento, fazer uma boa demonstração de força da importância de entendermos que existe estado de conhecimento, existe dúvida e busca de conhecimento. E é isso que estamos tentando fazer juntos, cada um com sua inquietação, com sua angústia, mas juntos tentando produzir um olhar sobre essa realidade vivenciada.

12h– Rodada de perguntas e debate sobre a pesquisa apresentada

Mad'Ana (IFG): Dentre as diversas falas, a professora pontua, segundo Frigotto, que “há legitimidade em todos os marcos teórico-metodológicos”. Por isso, precisamos escolher entre aquele que vai contribuir para a transformação da sociedade ou aquele que só vai compreender ou descrever.” Isso vai do ponto de partida de cada um, das escolhas que se faz.



A ciência é uma possibilidade histórica estrutural e conjuntural. Fazemos aquilo que nos é permitido, e não aquilo que deveríamos fazer. Assim deixamos elementos de que é preciso continuar. [...] A dialética recupera as possibilidades humanas que são materializadas na perspectiva da transformação. Marx vai dizer sobre as sínteses das múltiplas determinações, nosso sujeito não é só um sujeito da entrevista daquele momento. Existem outros espaços sociais, outras interlocuções sociais, outras determinações que, se dermos conta de avançar um pouco mais, nós podemos ter uma síntese melhor da totalidade. Apreender isso... No final, Mad'Ana agradece à Profª Maria Margarida pela perspectiva de contribuição aos militantes da EJA da questão da escuta como fundante, como opção política de dar a voz ao outro... Por isso solicita mais referência de como fazer as escolhas, de como ser, como afirma Walter Benjamin, de se afastar para não contaminar o objeto.

Maria Luiza (UnB): [...] Diálogo é escolha. Escolhemos aonde estar para dialogar. [...] Educação, do ponto de vista do percurso acadêmico é ascensão social. E aí, se a origem de classe, a opção de classe pelos trabalhadores não for consolidada em articulação com a história coletiva, seja sindical, seja partidária, seja em movimento de mulheres, seja em grupos... Se a gente não tem uma âncora no movimento social, na luta política, e escapar do próprio ativismo, fazer da Universidade trampolim para outros espaços de ascensão individual é muito fácil, porque hoje materialismo histórico dialético não dá necessariamente com a mesma intensidade em prisão e morte, mas dá em perseguição, em Escola sem Partido.

Profª Maria Margarida (FE/UFG) - Após a escuta dos participantes nas suas indagações, a professora afirma que algumas opções que fez tem a ver com a sua trajetória... Os estudos biográficos e autobiográficos tem interpretações múltiplas... Por isso foi apropriando de autores que a ajudavam a entender melhor as narrativas. O percurso é de alguém adulto que está se desafiando, que está se instigando. Então, as dificuldades e as escolhas que fez são as mesmas que os alunos da EJA podem fazer. "Entender que eles são dotados de escolhas, de caminhadas... O grande aprendizado é poder escolher, eleger... A nossa fala de diálogo é muito resolvida. De que medida este diálogo está acontecendo? Uma parte desse caminho percorrido eu quero oportunizar com os alunos da EJA da graduação." O exercício de se desafiar naquilo que não sabe é que o traz de volta o nosso aluno da EJA, e às vezes não sabemos aproveitar direito, levando-o a desistir. É preciso se comprometer ético e politicamente com aquilo que fazemos. Muitas vezes nos distanciamos entre aquilo que dizemos e as opções que efetivamente fazemos na vida. "A relação do materialismo histórico com aquilo que eu aprendo na relação com a Universidade, a grande crise é a questão da coerência. É falar do trabalhador sem que esse trabalhador sou eu. Porque se ele está submetido a uma série de condicionantes, também estamos submetidos a uma série de condições. Temos que questionar os nossos próprios silêncios... Quando falamos da ética, do compromisso com a mudança dessa sociedade tem muita coisa a ser feita... É preciso rever os nossos silêncios para ter a capacidade de enxergar aonde vai passar."

Profª Mirian Fábria (FE/UFG) Após o primeiro ciclo de apresentações, a professora afirmou que é necessário refletir sobre as nossas experiências nossas práticas e nosso cotidiano. "Somos capazes de fazer uma avaliação dos impactos disso? Impactos para quem? Impactos para os alunos? Pesquisadores? Conseguimos fazer uma leitura desse aspecto? Qual é a reflexão que trazemos, passados esses quatro anos? Para nós, para os sujeitos que estamos trabalhando,



para os nossos colegas pares. Uma coisa é a nossa ação daqui para diante, outra é a nossa ação pesquisadora. O que conseguimos? Onde estão os impactos? Eles são de ordem pedagógica? Da ordem política? Ou eles não são? Eles são da ordem da pesquisa? Onde de fato eles incidiram naquilo que estamos fazendo? A provocação é nos ajudar no ponto que estamos e para onde vamos.”

Sônia (Mato Grosso): “É importante perceber nessa dialética do processo do Obeduc um conjunto de coisas positivas, porém estamos enfrentando um ano de escolas fragmentadas. Agora precisamos, nos Estados, retomarmos o bastão, e continuar pensando a articulação entre o Fórum de EJA, a Universidade, pesquisa e extensão, os movimentos sociais e fazermos no nosso campo de atuação e impedir que as nossas escolas fechem, que não tenham alunos lá dentro. É preciso fazer a nossa política lá. Se cada um fortalecer no seu território, no seu Estado só assim conseguiremos fortalecer o movimento nacional.”

“Penso que temos que nos abrir no campo acadêmico, porque às vezes somos muito territorialistas, e isso trava e muito o debate. Temos que nos abrir ao diálogo para que haja crescimento. Quando tocamos na questão da democracia, nas relações democráticas temos que ver o que está em jogo ...”

“Não adianta fazermos muita coisa, se isso de fato não tocar no aluno da EJA. Nada disso será importante. Tem que haver mudança, seja de maior ou menor impacto da vida de cada um deles.”

Prof. de Matemática do ES: “Quando vimos o desejo dos alunos em aprender Matemática procuramos valorizar as referências que eles trazem... Os anos e anos abrindo caderno dos filhos, dos netos... Por isso a aprendizagem se dá a partir da produção de materiais, da reflexão de fatos ocorridos. A matemática será utilizada para refletir e fazer outras atividades ... Quando penso junto com os demais professores sobre qual material produzir, buscamos uma reflexão para que o aluno possa compreender o processo. Porém, a matemática que o aluno tanto cobra, muitas vezes foi aquela que contribuiu para a sua evasão escolar. A matemática que ele foge é a matemática que ele vai cobrar no retorno da sua vida escolar. A escola tem vivido a experiência de produção de material didático com base na reflexão do papel social no ensino da matemática. Pra quem? A serviço de que essa matemática? Como ensinar o aluno da EJA que vem com um histórico de fracasso nessa disciplina? O que ensinar? São feitas retomadas desde a entrada dos alunos e analisado o seu avanço.”

Henrique (Prof. Educação Básica ES): “A discussão do Proeja no Espírito Santo e no Brasil está mais no campo econômico e não no campo do direito. Por isso temos essa dificuldade. Os estudantes dos cursos integrados fazem o processo seletivo, os pais os levam para a porta da escola... Eles só estudam. Mas os nossos alunos da EJA não são estudantes que trabalham, mas um trabalhador, uma trabalhadora que estuda. A vida deles é muito mais difícil, eles encaram muito mais desafios do que os alunos do integrado. Nesse sentido, saímos do estado de direito para o estado do pseudodireito da opinião: “Eu acho que isso dá muito prejuízo.” “Eu acho que estamos desperdiçando dinheiro.” O que obriga os professores do Proeja do IF Espírito Santo, os professores dos movimentos sociais e pesquisadores que nos apoiam a estar sempre alerta. Porque o grupo é pequeno e a “pancada é forte”. Se a gente tirar o pé, a



gente não consegue colocar o pé de novo. Então, a cada dia a gente batalha para manter o direito. E a gente é chamado de comunista por isso. Não que não sejamos. Mas lutar por direito, não é comunismo. Temos essa consciência. No IF Espírito Santo estamos o tempo todo em combate e vigilantes. Nesse campo é um campo de luta, por isso estamos sendo áduos, estamos sendo firmes.”

Prof^a. Maria Emilia (FE/UFG): “A proposta da Educação Popular na prática se concretiza ou não? O que fica muito presente é o desafio de vivenciar na prática aquilo que nós proclamamos. Não é aquilo que se vivencia... Então, a coerência é um dos maiores desafios. Ser coerente entre aquilo que eu faço e aquilo que eu falo e proclamo. Se eu proclamo que é isso, eu tenho certeza, o desafio é tentar, é implementar esse discurso na prática.”

Mad’Ana (IFG): Reporta a fala do Henrique quando afirma que os alunos da EJA não sabem que são sujeitos de direito. “Mesmo fazendo apelos de justiça, não o sabem se fazem isso de forma consciente. Na pesquisa é importante ir nas narrativas, nas autobiografias, entender os desejos, entender os silêncios, os apelos de justiça para apropriar-se das questões postas. Do ponto de vista da ação política é preciso dar um salto. Porque a materialização da justiça, de colocar o sujeito como protagonista é uma disputa pela sociedade. E aí é esse grande elemento que o materialismo histórico traz. É na organização dos trabalhadores, considerando-os na sua totalidade, com seus medos, com seus desejos, com sua autobiografia, com todos os massacres econômicos, psíquicos, emocionais. Mas é preciso se elevar, pegando um pouco o patamar de Gramsci para que haja a elevação ético-política. Ou a gente escuta essa sociedade e se organiza... Dizemos assim: a gente quer justiça, mas a gente quer justiça num contrato de direito dessa sociedade contratual, não iremos muito longe. E o que estamos vivendo hoje? A quebra do estado de direito. O estado de direito é uma conquista importantíssima. É uma luta dos trabalhadores. É o que foi possível construir dentro das possibilidades históricas. Como diria Marx, nós fazemos a história, mas sempre sobre determinadas condições. E o que o Congresso está fazendo é tirar o nosso estado de direito. Isso é claro. Esse estado de direito está no marco liberal, mas a nossa luta se dá nessa concretude histórica. O Estado de direito que reconheceu o direito importantíssimo porque vem buscar na nossa sociedade a materialização de uma possibilidade de minimizar as questões de injustiça social. No Brasil, a nossa burguesia é tão egoísta, como afirma Florestan Fernandes, ela é tão submissa, subordinada ao capital internacional que o Bolsa Família e leis trabalhistas estão sendo desmantelados. A burguesia brasileira é devastadora. Nós temos o Estado de Direito mínimo porque é o que a gente conseguiu. Esse apelo de justiça precisa de ação política. E uma forma é a garantia dos direitos expressos.”

- Mad’Ana (IFG) “O portal é ação política. O caldo está sendo fervido pela EJA. Nós, dos Institutos Federais, nós somos poucos, mas fazendo um barulho danado... Temos cinco escudeiros aqui.”

Henrique (Prof. Educação Básica ES): “A pesquisa intervenção na EJA não dissocia ensino-pesquisa-extensão. Se eu estou pondo em análise as práticas, não estou pondo em análise somente as práticas do outro, mas as práticas que foram elaboradas junto com o outro. A pesquisa-ação me afeta, produz intervenção em mim enquanto pesquisador. Na escola que trabalhamos a questão de direito, essa escola dá aula, alfabetiza, lê, dá aula de matemática, e



vai fazer seu planejamento coletivo de sexta-feira na Assembleia Legislativa quando uma pauta sobre direitos está sobre questão; ou na Câmara Municipal de Vereadores quando a questão de uma comunidade de Vitória ou dos trabalhadores da educação está em questão. Essa escola foi protagonista de duas greves, além de dar subsídios aos alunos na ocupação. Acredito que isso é prática política e é lutar por um mundo melhor. Não é somente narrativa. A própria escola tem um modo de funcionamento que é a intervenção no mundo. Não é somente ler e escrever. É leitura de mundo e intervenção no mundo. Discordando sobre estado de direito, ele nunca existiu. Nós é que fomos iludidos por estado de direito. E aí partilho com Vladimir Safari que é marxista, filósofo da USP “Nós fomos iludidos. Não há estado de direito”. Marx também não teria ilusão sobre estado democrático de direito. Por isso uso Marx, Marilena Chauí para pôr em análise uma categoria que nós estudiosos do campo da EJA absorvemos sem problematizar. Não estou dizendo para jogar fora o campo de direito, mas nós estamos numa sociedade em que os jogos de interesse passam, e as identidades, as garantias do Bolsa Família são importantíssimas, e passam pelo direito. Nós não podemos abrir mão do direito, mas não podemos ser ingênuos de absorver esse conceito sem problematizá-lo. Porque todas as declarações de direito são burguesas. Todas. Vamos lá. A questão da aprendizagem ao longo da vida por exemplo. Não estou afirmando que a Jane Paiva que é uma das grandes estudiosas da aprendizagem ao longo da vida... Não é só escolarização. Mas nós estamos num tipo de capitalismo em que já não precisa mais escola. Estão querendo Educação Permanente a céu aberto. Isso é o pós-moderno Deleuze que afirma. O capitalismo mudou. Agora é modulação ao longo da vida, e eu não vejo nenhuma literatura de EJA problematizando as categorias que saem da Unesco. Nenhuma. E são categorias importantíssimas no campo do direito: aprendizagem ao longo da vida, alfabetizações situadas, alfabetizações múltiplas, diversidade ao invés de classe. Replica, nós mesmos do Fórum de EJA, replicamos as mesmas categorias que a Unesco coloca nas suas declarações e a gente sequer problematiza. Por exemplo, o que é diversidade? Eu acho que é tudo que o capitalismo quer no mundo de hoje. Multiculturalismo. Agora pós modernidade não pode virar xingamento. Nós somos acadêmicos, graduandos, doutorandos, pós-doutores, então temos que situar o que é pós modernidade. Intuo que é um triunfalismo pós modernidade. Acabou os ideais de justiça e igualdade. Acabou a razão, agora não existe mais possibilidade de história. Se for isso, Derridá nunca foi pós moderno porque com a queda do muro de Berlim ele escreveu um livro Espectro de Marx. Nós precisamos voltar a Marx. Isso é o pós moderno Derridá que está falando. Outro pós moderno é Deleuze. Viu Conversações. Ele fala: “Eu sou marxista.” Por quê? O que vale meu pensamento? Põe em análise o capitalismo. Sempre fiz isso. E ele vem de uma Universidade que nasceu das barricadas de maio de 68, não era nenhum neoliberal. Foucault ficaria arrepiado de ser chamado de pós moderno. Ele sempre afirmou a nossa modernidade, nunca falou pós modernidade. Então, mesmo que não estabeleça contato com esses pensadores, por isso podemos catalogar os pensadores em termos de xingamento. Porque pós moderno está virando xingamento. Eu não sou pós moderno. Derridá não era pós moderno. Deleuze não era pós moderno. Foucault não era pós moderno. Quem leu um capítulo deles vai saber disso. E são eles que me instigam a estar na luta. Não existe diálogo com a pós modernidade porque estamos na modernidade.”

Cláudia Costa (Fórum Goiano de EJA): Enfatiza a discussão do direito em Meszáros e Hobsbawm. Afirma, sustentada em Marx, que, enquanto estivermos nessa sociedade desigual e nessa situação de barbárie que estamos vivendo, a luta pelo direito é o primeiro passo para



construir uma revolução. Vale a pena pensar e refletir sobre isso. Rebate as afirmações do Henrique sobre o não questionamento das categorias veiculadas pela Unesco, quando, na realização da Confinteia, em junho de 2016 em Brasília - DF, o Fórum Nacional de EJA se posicionou com resistência na defesa da EJA nos moldes da Educação Popular, pensando na transformação social. Conclui que temos muito o que caminhar, mas já temos alguma crítica construída diante dessas categorias.

Profª IFGoiano, Rio Verde GO – “A educação é conservadora. Segundo Dermeval Saviani a dimensão política da educação se expressa na intervenção política do professor. Como vai surgir, manifestar, aparecer na sala de aula? É na sua militância, no exercício desse professor... Não aprendemos a prática da liberdade, da justiça, dos direitos sociais e ética senão no exercício político.”

- Prof. ES- “Trabalho com a ideia de paradoxo. Ninguém está falando de abrir mão dos direitos e das disputas internacionais. É não ter a inocência. Nós, do campo da EJA, não podemos assumir conceitos de outras esferas, sem problematizá-los. Não é jogar fora o campo do direito, mas problematiza-lo porque é um campo de captura. O teórico Luiz Fuganti afirma que o Estado Democrático de Direito não foi derrubado, mas porque nunca existiu no Brasil. É uma farsa. Mas a luta por direitos é outra coisa. Mas Estado Democrático de Direito nunca existiu. A burguesia quando ela quer, ela mostra quando acaba com o teatro. Não toco no debate epistemológico. Pela desconstrução e por esse momento que estamos passando e nesse momento a minha obsessão é ética. Portanto, a prática é aquilo que eu faço comigo e com o outro é intervenção no mundo. Há pessoas que tem coerência epistemológica, mas tem práticas políticas horrorosas. Paulo Freire era criticado de um ecletismo teórico. No mesmo parágrafo ele citava Gramsci e Lao Tsé e as pessoas consideram isso um horror. E ele citava Gramsci e Lao Tsé porque foi um grande pensador e continua. Thompson e Perry Anderson pararam de si falar não por questão epistemológica, mas por questão de prática política. Eu discuto ética e prática política.”

13h - Almoço

14h30min

- Apresentação de pesquisas de mestrado/doutorado/graduação/educação básica/experiências e práticas

Temas: EJA e mundo do trabalho: práticas pedagógicas, integração, material escolar; organização escolar diferenciada

Coordenadora e debatedora: Miriam Fábria Alves; Mad'Ana Desirée Ribeiro de Castro

1) PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E ORGANIZAÇÃO ESCOLAR NOS ESPAÇOS DAS OCUPAÇÕES DAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESPÍRITO SANTO EM 2016

Antelmo da Silva Junior - Instituto Federal do Espírito Santo - *Campus* Vitória; Professor de Educação Básica do Núcleo I PPG/Ufes; Professor da Educação Básica do Núcleo I PPG/Ufes; Bolsista Capes/Obeduc

O interesse por esse estudo surgiu mediante a observação das ocupações das escolas públicas no ano de 2016 e em como esses jovens utilizaram/criaram uma nova forma de ação política, diferente da ação política tradicional. A organização de maneira horizontal, a profundidade dos debates ocorridos durante o processo e o nível de envolvimento dos estudantes no processo contrapõe o discurso hegemônico hoje sobre as escolas públicas é o da má qualidade associada à degradação do espaço e à falta de condições de aprendizagem. Isso em parte explicaria, inclusive, o desinteresse dos alunos pela escola, muitas vezes traduzido em violência



e depredação. As Ocupações, porém, parecem mostrar algo diferente. O que observamos no movimento dos estudantes foi um profundo sentimento de pertencimento à escola. Esses jovens estavam ocupando um espaço que já era deles para afirmar justamente isso: que a escola é deles, que eles a defendem, e que não aceitam a imposição de políticas que foram definidas sem que eles, seus professores e os funcionários tenham sido ouvidos, muito menos debatido a proposta. Diante do cenário atual da discussão de projetos de lei como reforma do ensino médio, retirando a obrigatoriedade ou mesmo suprimindo do currículo as disciplinas de humanidades, urge investigar e analisar as relações das disciplinas de humanidades na construção das ocupações e outros movimentos populares, não no sentido reducionista da defesa de projetos como escola sem partido, mas sim na verificação de quais práticas educacionais foram e podem ser desenvolvidas junto a estudantes das escolas públicas e contribuir para formação de movimentos que debatam a própria realidade e as possibilidades de mudança da mesma, assim como a defesa e conquista dos direitos sociais para esta parcela da população. Sobre isso Freire (2005) explica que uma educação problematizadora leva os indivíduos a perceberem criticamente como estão sendo no mundo, com que e em que se acham e quem melhor que os próprios atores envolvidos nas instituições para entender os reais significados de uma sociedade que nega o direito à educação e como efetivamente construir meios de transformá-la. Recentemente movimentos como o Occupy Wall Street em 2011, Ocupação da Praça Taskim em 2013, dentre outros tem alcançado destaque em função não apenas pela força destes, mas segundo Castells (2013) também pelos seus modos de organização a partir de redes sociais e a formam como rejeitam de certa forma instituições como partidos, agremiações estudantis e sindicatos.

Palavras-chave: Ocupação; Resistência; Autonomia; Aprendizagem.

2) PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: TENTATIVAS DE INTEGRAÇÃO A PARTIR DAS CATEGORIAS TRABALHO, CULTURA E MEIO AMBIENTE NAS AULAS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E “EMPREENDEDORISMO”

Hudson Cassio Gomes de Oliveira - Instituto Federal do Espírito Santo - *Campus Vitória*; Professor de Educação Básica do Núcleo I PPG/Ufes; Bolsista Capes/Obeduc

O trabalho teve como objetivo problematizar as categorias trabalho, cultura e meio ambiente enquanto temáticas integradoras, articulando práxis produtiva e práxis educativa nas aulas de economia solidária e empreendedorismo com estudantes dos cursos de técnico em metalurgia e técnico em guia de turismo integrado ao ensino médio Proeja, na perspectiva de um “(re)encontro entre trabalho e educação, economia popular e educação popular” (TIRIBA, 2007). Adotando uma postura dialógica freireana que reconhece a possibilidade do encontro do sujeito ensinante/aprendente com outros sujeitos, igualmente aprendentes, objetiva-se com isso construir nos espaços e tempos dos componentes curriculares mencionados conexões com a filosofia, a sociologia, a história, a geografia, a língua portuguesa, a literatura e a informática. Um dos grandes desafios desta proposta é a necessidade da construção da consciência de classe junto aos estudantes. Como metodologia tem-se assumido a perspectiva dialógica como caminho para esta problematização, discussões sobre as contradições observadas no mundo do trabalho¹. a partir da leitura do Manifesto Comunista de Marx e Engels (1999) A centralidade do trabalho na

1 A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classe. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; numa guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária, da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em luta. MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p.07.



sociedade capitalista é um importante debate desenvolvido nas aulas. A intervenção humana na natureza com o objetivo de garantir seus meios de vivência em suas múltiplas formas constitui-se no eixo central dos estudos, pensando de maneira crítica a produção de alimentos, a construção das cidades, a destruição do meio ambiente, a produção de ciência e tecnologia e as sofisticadas e sutilezas metafísicas criadas para a “satisfação” das necessidades humanas. A produção da riqueza e sua distribuição também ocupam um espaço importante no desenvolvimento da proposta. Dedicar-se um espaço para apresentação de estudos com o objetivo de problematizar questões como: propriedade privada e função social da terra, propriedade intelectual e conhecimento dos povos tradicionais, PIB, per capita, mercadoria, ideologia e alienação, reestruturação produtiva e precarização do mundo do trabalho, o trabalho enquanto fonte de sofrimento, endividamento público e seus impactos nas políticas públicas, verdades e mitos sobre o custo Brasil, o impostômetro e os pagadores de imposto no Brasil, tempo de planejamento/maturação e recursos envolvidos na sua implementação frente a necessidades objetivas de manutenção da vida na sociedade capitalista, políticas públicas de financiamento a cooperativas, empresa individual e micro e pequenas empresas, o rentismo no Brasil e seus impactos no desenvolvimento de empreendimentos sociais, cooperativismo e associativismo. Temos em alguns casos a possibilidade de integração com outros componentes curriculares e também com a realidade de vida dos trabalhadores e das trabalhadoras estudantes, abrindo janelas de possibilidades.

Palavras-chave: Integração. Trabalho. Cultura. Meio Ambiente.

3) A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DE MATEMÁTICA PARA EJA INTEGRADO ÀS ÁREAS DE ARTE, INGLÊS E EDUCAÇÃO FÍSICA

Lucillo de Souza Junior - EMEF EJA Professor Admardo Serafim de Oliveira; Professor de Educação Básica do Núcleo I PPG/Ufes; Bolsista Capes/Obeduc

O trabalho aborda o percurso de elaboração do material didático de matemática para turmas de 2º segmento de EJA, turno vespertino, na EMEF EJA Professor Admardo Serafim de Oliveira, Vitória-ES, objetivando integrar várias áreas de conhecimento através de atividades comuns e que buscavam ser específicas para cada turma, tentando tratar as necessidades dos alunos de forma individualizada. Em cada trimestre letivo de 2016, formou-se duplas de trabalho para atuarem nas quatro turmas: Matemática e Educação Física, Matemática e Inglês e Matemática e Artes. Para elaboração do material, tomou-se como referência o PPP da escola, a temática de trabalho do ano letivo: saúde, meio ambiente e suas relações com o mundo do trabalho e textos de referência² que abordam a produção de material didático para EJA e as atividades individualizadas no desenvolvimento do aluno. As duplas elaboraram o material didático de formas distintas para cada turma, conforme apresentado a seguir. **Educação Física e Matemática (1º trimestre)**. A produção de material foi pensada para possibilitar aos alunos a prática de atividade física de forma segura e sem a necessidade de gastos com academias ou assessorias esportivas. Em Matemática, houve o retorno e aprofundamento do trabalho iniciado em 2015, com a utilização de fórmulas e expressões numéricas. As atividades buscavam atender três grupos de alunos com necessidades de aprendizagem distintas em cada turma e eram impressas e entregues aos alunos. **Inglês e Matemática (2º trimestre)**. Para atender as demandas da temática; a necessidade de leitura, fala escrita e escuta na língua inglesa e o trabalho com a

² MOREIRA, M. A. Interpretação de resultados de testes de retenção em termos da teoria de aprendizagem de David Ausubel. Revista Brasileira de Física. V. 5. N 2. 1975. Disponível em: sbfisica.org.br/bjp/download/v05/v05a20.pdf

SOUZA JUNIOR, L.. A matemática e a apropriação dos códigos formais. Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos. P 333 – 343. UNESCO, MEC, RAAAB, Brasília: 2005. Disponível em: portal.mec.gov.br/docman/documentos-pdf/655-vol3const-pdf

SOUZA JUNIOR, L.. Critérios a serem observados pelo professor quando da elaboração de textos com atividades de matemática para turmas de EJA. V Seminário Nacional de Formação de Educadores de EJA. Campinas. 2015. Disponível em: sistemas3.sead.ufscar.br/snfee/index.php/snfee/article/download/181/91



matemática, elaborou-se fichas de leitura que continham informações diversas sobre o alimento. As questões a serem resolvidas, utilizando as fichas, eram apresentadas aos alunos no quadro. Para os alunos que apresentavam dificuldades em realizar as atividades, eram elaboradas perguntas intermediárias com o objetivo de se alcançar a resposta inicialmente proposta. **Arte e Matemática (3º trimestre)**. Na primeira metade do trimestre trabalhou-se as interseções entre Arte e Matemática através da Geometria e os conteúdos que eram comuns às duas áreas. Aprofundou-se o trabalho com Mandalas desenvolvido no trimestre anterior pela dupla Arte e Ciências. As atividades iniciaram com o manuseio do compasso e régua, pois estes são instrumentos incomuns no cotidiano dos alunos. O material didático apresentado aos alunos foram instruções escritas no quadro sobre o que deveria ser realizado. Durante a confecção das atividades pelos alunos, apresentavam-se os conceitos e definições desenvolvidos. Na segunda metade do trimestre trabalhou-se especificamente as equações, por ser demanda dos alunos no decorrer do ano letivo. Para tanto, apresentou-se aos alunos fichas individuais com equações contendo diferentes graus de aprofundamento. Essas fichas eram entregues aos alunos de acordo com o desenvolvimento das atividades pelo aluno. Assim, a elaboração do material didático no ano letivo de 2016, buscou integrar as áreas através de atividades específicas para cada turma e tentando tratar as necessidades dos alunos de forma individualizada. Dessa forma, em sala de aula, todos poderiam fazer as atividades propostas, porém em tempos diferentes, de acordo com o grau de desenvolvimento do aluno.

Palavras-chave: Matemática; Material didático; EJA

4) TRABALHADORAS EM CONFECÇÕES - O TECIDO, A LINHA, A COSTURA, O TRABALHO E O SONHO DE RETORNO À ESCOLA

Cláudia Borges Costa – Professora da Educação Básica, SME de Goiânia; Pós-Graduação em Educação – UnB; Obeduc/ Universidade Federal de Goiás (UFG)

Esta pesquisa apresenta a trajetória de trabalhadoras em confecções de Goiânia-GO, no que diz respeito a inserção laboral no setor de produção e confecções de roupas. A temática resulta de pesquisa de doutorado, defendida em 2015, que teve por objetivo compreender a trajetória de vida dessas trabalhadoras, relações e condições de trabalho e gênero que marcam a realidade das confecções em domicílios, bem como a relação complexa com o processo de escolarização. A temática pesquisada buscou melhor compreender as relações e condições de trabalho que marcam a realidade das confecções, mais precisamente das trabalhadoras em confecções. As questões orientadoras da pesquisa foram: as condições de trabalho estão relacionadas com as transformações no universo do trabalho na contemporaneidade? Quais são as contradições? Analisando a reestruturação produtiva, quais conflitos podem ser percebidos na subjetividade e condição de gênero? Qual é o lugar, ou o não-lugar, da escola para essas trabalhadoras? Como essas mulheres aprenderam esse ofício? O objetivo da pesquisa almejou analisar as trajetórias educativo-laborais das trabalhadoras de confecções que compõem a rede de confecção de Goiânia no que tange à sua compreensão do trabalho e da formação na composição de suas histórias pessoais e a constituição de vínculo com as cadeias globais de confecções de roupas. Essa investigação empreendeu uma pesquisa do tipo qualitativa, utilizou as seguintes modalidades de investigação: pesquisa bibliográfica, análise documental e empírica com o instrumento de entrevista em profundidade. Por meio da escuta das trabalhadoras ficou evidenciada a inserção em uma estrutura produtiva constituída na contradição do mundo do capital. A condição de gênero só complementa a exploração enquanto trabalhadora que acumula o trabalho doméstico, os cuidados com os filhos e o profissional, o espaço único de trabalho e residência. A formação laboral apresentou-se de forma específica e a escola teve uma passagem aligeirada na trajetória das trabalhadoras, o que lança um desafio pedagógico para a escola



frente ao trabalhador estudante.

Palavras-chave: Trabalho. Educação. Formação Profissional. Trajetória e Gênero. Confeções.

5) A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: FORMAÇÃO INVENTIVA, PLANEJAMENTO E PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO EM UMA PRÁTICA BIDOCENTE

Carlos Fabian de Carvalho - EMEF EJA Professor Admardo Serafim de Oliveira; Professor de Educação Básica do Núcleo I PPG/Ufes; Bolsista Capes/Obeduc

O presente trabalho emerge de minha trajetória docente na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) e toma como foco de investigação as práticas educativas inventivas que buscam articular planejamento, formação e produção de material didático produzidos por educadores, que assumem a perspectiva da formação inventiva. Tem como objetivo refletir acerca das multiplicidades de práticas produzidas por educadores na busca de ressignificar suas relações com o conhecimento, sem fragmentá-lo, bem como identificar quais estratégias de planejamento integrado esses educadores têm construído na relação educativa com seus educandos. Nesta relação indissociável planejamento-produção de material didático, observar de que maneira estas práticas educativas podem contribuir para a formulação de políticas públicas educacionais, especificamente políticas de formação de educadores da Modalidade Educação de Jovens e Adultos. A partir de uma metodologia de trabalho colaborativo, foram analisadas práticas de planejamento e produção de material didático de professores que atuam em duplas, ou bidocência durante quatro trimestres letivos, nos anos de 2015 e 2016. As duplas de docentes investigadas foram constituídas pelos seguintes componentes curriculares: história e inglês, história e arte, história e português e história e ciências. Assumimos o referencial teórico Freireano, especificamente o conceito de inédito-viável, visto que nos move na percepção das possibilidades dos sujeitos quando passam a superar situações-limite que constituem freios, barreiras, obstáculos na vida pessoal e social. Quando os sujeitos percebem, destacando, aspectos da realidade que os oprime, “o percebido-destacado”, Freire considera que esses passam a constituir temas-problema a serem enfrentados, superando a aceitação dócil e passiva do que está posto, para assumir outra postura decidida, por meio de um ato-limite, frente ao mundo. Busca-se também compreender o movimento que sujeitos educadores fazem, para emergirem de suas realidades de trabalho com consciência sobre o que significa uma estratégia metodológica imprescindível para decodificar o mundo e para mobilizá-los a descobrirem inéditos-viáveis em suas práticas pedagógicas transformadas e transformadoras. Já os estudos de Dias (2012), Barros (2009), Herckert (2009) e Cruces Cuevas (2015) nos provocam a refletir sobre a possibilidade de construção de uma política de formação docente a partir das práticas pedagógicas “produzidas e inventadas” pelos educadores, a partir de uma aposta na conjugação da poesia e ética - p(r)oética, que representa um espaço de resistência às padronizações, uma abertura para as surpresas da vida. Uma formação inventiva, segundo Cuevas que busque compor novas realidades e que seja capaz de ressignificar a cultura escolar vigente, dotando-a de aberturas e movimentos instituintes porque includentes. As invenções acima citadas indicam alguns resultados caracterizados pelo deslocamento permanente dos indivíduos que dela participam, assumindo assim um caráter na formação de professores como lugar de aprendizagens e não somente lugar de aquisição de informações ou habilidades e competências para ensinar.

Palavras-chave: Formação inventiva; Planejamento; Produção de material didático; Prática bidocente.

6) A TRANSARTE COMO PRÁXIS PEDAGÓGICA DA VISUALIDADE NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Dorisdei Valente Rodrigues - Universidade de Brasília; Bolsista Professor da Educação Básica /Obeduc UnB



Pensar em estratégias, metodologias, recursos para atender a educação de jovens e adultos não é uma reflexão inovadora. Paulo Freire criou uma metodologia diferenciada para a educação de adultos, onde buscou a aproximação dos saberes vividos com o ensino dos conteúdos. Seu trabalho mostra que os sujeitos jovens e adultos na sua diversidade merecem metodologias que atendam a suas expectativas, dialoguem com as suas experiências de vida e possam realmente inseri-los na sociedade de forma ativa. Neste sentido, buscou-se desenvolver a arte de transição como experiências estéticas que dialoguem com realidade dos estudantes surdos a partir da compreensão que a língua brasileira de sinais é uma língua visual e a experiências estéticas visuais podem contribuir no processo de aprendizagem, na aquisição da linguagem e disseminação da cultura da comunidade surda. A Transiarte foi se constituindo primeiro como uma práxis no ambiente escolar e, depois, como eixo temático integrador de ações que podem convergir para a implantação do currículo integrado de cursos no eixo de informação e comunicação: técnico desenvolvimento de sistemas, técnico de informática para internet, técnicos de programação de jogos digitais, etc. A práxis desenvolvida parte de uma situação-problema-desafio, uma metodologia ativa que respeita as identidades dos sujeitos e suas experiências. É a partir da realidade de problemas reais dos sujeitos, que se constrói um itinerário nas áreas de arte e informática. Desenvolve-se a práxis da transiarte na Escola Bilíngue de Taguatinga - DF com 15 estudantes da EJA, no formato semestral, todos matriculados regularmente na disciplina de arte do 2º e 3 segmentos do ensino médio. A partir das experiências estéticas na disciplina de arte a criação de imagem e animação com uso do celular e compartilhado via WhatsApp entre os estudantes. A proposta de integração curricular por meio dos eixos integradores “cultura”, “trabalho” e “tecnologias”, segundo o texto do currículo em movimento, toma por base a realidade social e econômica dos estudantes da EJA como sujeitos inseridos no mundo do trabalho e imersos em uma sociedade tecnológica. Assim, nas atividades desenvolvidas nas oficinas a arte digital integra os saberes dos alunos ao currículo a ser desenvolvido pelo professor. As atividades são planejadas, onde a cultura pedagógica tradicional de transmissão de conhecimentos dá lugar aos aparatos tecnológicos de acesso à informação em tempo real. As aulas tornam-se dinâmicas e assumem a pretensão de construção de uma cultura didática digital, na qual os estudantes também são atores do processo de formação e informação. As experiências de abordagem curricular pela construção estética são reconhecidas como atraentes pelos estudantes e, conseqüentemente, identifica-se uma significativa diminuição da evasão desses sujeitos na disciplina atendida pela Transiarte.

Palavras-chave: práxis; currículo; Transiarte

15h 30 min - Rodada de perguntas e debate sobre as pesquisas apresentadas

16h30min - Café

17h - Apresentação de pesquisas de mestrado/doutorado/graduação/educação básica/experiências e práticas

- **Temas:** EJA, diversidade, linguagem, Portal do Fórum Goiano de EJA e formação de educadores
Coordenador/a e debatedor/a: Professora Ms. Maria Luiza Pinho Pereira – UnB; Prof^ª. Dr^ª. Edna Castro de Oliveira - UFES

1) LEDORES versus LEITORES: EM UMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR DE ENSINO APRENDIZAGEM NA MODALIDADE EJA

Suzy Mara Gomes - Instituto Federal de Goiás (UFG); Bolsista Capes/Obeduc UFG.

Apresentamos um relato parcial de uma experiência pedagógica voltada para a implementação da leitura para alunos EJA que vem sendo desenvolvido em um dos câmpus do Instituto Federal de Goiás. O projeto, em questão, visa atender alunos de Ensino Médio Técnico Integral no que tange ao desenvolvimento de leitores proficientes. Contribuindo com a aquisição do hábito de ler e, conseqüentemente, para com uma maior autonomia do aluno. Para tal, buscamos a exploração



e a identificação de atividades de leituras integradoras que possibilitem um grau efetivo de desenvolvimento da capacidade de compreensão leitora dos discentes da EJA de forma interdisciplinar, trabalhando o desenvolvimento de estratégias de leitura. Este estudo envolve a Língua Portuguesa, disciplina(s) da área técnica, abrindo, ainda, a possibilidade para que outras áreas do conhecimento possam, também, fazer parte desse projeto. Os construtos teóricos de letramento, leitura instrumental e educação de jovens adultos EJA (SOARES, KLEIMAN, SANTOS, TOMITCH, FREIRE, LEFFA, BARROS) norteiam o desenvolvimento do presente estudo. As práticas iniciais nos permitiram perceber que a utilização de textos significativos na sala de aula amplia o nível de motivação do educando, mas que, só esta prática não consegue fazer com que um grupo de alunos se sinta capaz de ultrapassar suas limitações para ir além do que se denomina estágio de leitor que se contrapõe ao leitor.

Palavras-chave: Letramento; Leitura Instrumental; Leitura Interdisciplinar; EJA

2) ALFABETIZAÇÃO NA EJA E A DISPERSÃO DAS PRÁTICAS: ESCRITAS DE ABERTURA AO OUTRO E LEITURAS DO MUNDO.

Henrique José Alves Rodrigues - Doutorando do Núcleo I PPG/Ufes; Doutorando em Educação/Ufes; Bolsista Capes/Obeduc

A pesquisa abordou a temática a alfabetização no campo da EJA, tendo como *locus* uma escola exclusivamente de EJA do município de Vitória\ES. O processo investigativo teve como objetivo geral problematizar as composições e distinções entre o plano das políticas de alfabetização de pessoas jovens e adultas e o plano das práticas alfabetizadoras de educandas e educadoras. A pergunta que nos guiou neste processo investigativo foi como as políticas de alfabetização e seus operadores conceituais se traduziam no plano das práticas alfabetizadoras as quais observamos/praticamos. Partindo da noção ampliada de alfabetização, da educação popular e de linguagem enquanto pragmática do pensamento da desconstrução, trabalhamos com a noção de tradução como impossibilidade de fidelidade ao sentido original, colocando em suspeita a capacidade das políticas orientadoras das práticas se efetuem em suas intencionalidades. Apostávamos que o campo dispersivo das práticas sempre excede, foge, desvia-se do sentido ou dos sentidos originais das políticas de alfabetização, tanto de agências internacionais, quanto do governo federal e da própria escola que possui como referencial a educação popular. O acompanhamento de cinco salas de aula de alfabetização, dentro da perspectiva de uma pesquisa-intervenção, nos fez adotar a plataforma da ética como chave de leitura para compreendermos a produção de dados que elaboramos pela via de diários de campo, entrevistas com educandas e educadoras, fotografias de produções escritas e eventos da escola. Após analisarmos o material elaborado na produção de dados procuramos tomar como ferramentas as categorias, os conceitos e as noções que emergiram no plano da empiria: diálogo; linguagem e alfabetização; cultura popular e memória; culturas do escrito; práticas de liberdade e emancipação; democracia, direito e justiça. O processo de pesquisa nos levou a concluir que as pessoas envolvidas em processos de alfabetização elaboram estratégias inventivas, tanto para moverem-se numa sociedade letrada, como para darem sentidos para seus processos de alfabetizar-se. Apesar da profusão conceitual existente no campo da EJA, tais arcabouços, embora importantes, não dão conta do que nos acontece no processo de alfabetização, que requer muito mais uma abertura radical ao outro e escuta atenta a seus apelos, do que referenciais teóricos coerentes e bem definidos.

Palavras-chave: Alfabetização; EJA; Dispersão; Prática; Ética

3) FORMAÇÃO DE EDUCADORES DA EJA EM CARIACICA: DESAFIOS E INCERTEZAS



Tatiana Silva Machado de Oliveira - Secretária Municipal de Cariacica; Professor de Educação Básica do Núcleo I PPG/Ufes; Bolsista Capes/Obeduc

Este trabalho tem como objetivo analisar criticamente os movimentos produzidos pela Coordenação da Educação de Jovens e Adultos do município de Cariacica no processo de formação continuada com os educadores da modalidade, a partir da minha experiência na Coordenação da EJA do referido município Cariacica, iniciada em 2014, frente aos desafios que se colocavam para a gestão central: a regulamentação, a implementação e organização da oferta da EJA. Para tal, em 2015, definiu-se por uma política de formação firmada em parceria com o Ifes *Campus* Cariacica que buscou estudar e refletir sobre uma proposta de formação continuada com os educadores da EJA na perspectiva da educação popular, tendo como referencial o aporte teórico da educação popular, trazendo para o diálogo Freire (1987), Brandão, entre outros. A educação popular “é algo ainda presente e diversamente participante na atualidade da educação entre nós” (BRANDÃO, 2002, p.142). Assumimos a sistematização da experiência como metodologia de pesquisa, por considerar entre outras, a construção coletiva do conhecimento e a transformação da própria experiência em objeto de estudo, pois quando pensamos em sistematizar experiências queremos pensar a prática e com isso produzir conhecimento (FALKEMBACH 1995, 2008). Frente a isso, em 2016 demos continuidade à parceria com o Ifes com a perspectiva de consolidar as ações desencadeadas e implementar a Resolução da EJA 004/2015 baseada nos princípios da educação popular. A formação foi ofertada pelo Curso de Extensão “Currículos, Identidades e Práticas Docentes: Experiências com a EJA e o Mundo do Trabalho”, de Abril a Novembro de 2016, com carga horária presencial de 32 horas, e 88 horas de carga horária pela plataforma moodle, no total de 120 horas, configurando assim uma proposta híbrida de formação, com certificação emitida pelo Ifes. A formação alternou os encontros entre mesa de diálogos com temas pertinentes à modalidade e socialização de práticas realizadas nas salas de aula, buscando envolver, a partir da temática debatida no encontro anterior, os interesses dos educadores por grupos de área de conhecimento, tais como: linguagens, ciências naturais, ciências humanas, 1º e 2º ciclos e educação especial. O encerramento focalizou um Seminário de Práticas, com mesa de diálogos sobre “Educação Popular e EJA no município de Cariacica”, e espaço para os educadores apresentarem as suas práticas educativas desenvolvidas com os educandos. Participaram da formação 120 educadores num universo de 210 profissionais, sendo que apenas 15 deles foram certificados. Os resultados desta experiência de política de formação, com encontros presenciais garantidos em calendário escolar, com presença obrigatória dos educadores e adesão facultativa, nos levam a problematizar a proposta e o baixo índice de certificação, pela não utilização da plataforma moodle, interpelando o modelo. A formação continuada dos educadores da EJA, nesse formato, atende as suas demandas formativas?

Palavras-chave: Formação de educadores; Experiência; Educação Popular; EJA.

4). PROEJA EM UM CAMPUS DO INSTITUTO FEDERAL GOIANO – NARRATIVAS DOCENTES SOBRE OS SUJEITOS DA EJA E A DOCÊNCIA

Gilma Guimarães - Professora da Educação Básica, Mestre em Educação. Pedagoga no Instituto Federal Goiano - campus Rio Verde – Goiás; bolsista Obeduc

Miriam Fábria Alves - Doutora em Educação. Professora Adjunta na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG) e Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação

Sandra Mara Santos Lemes- Professora do ensino básico, técnico e tecnológico, licenciada em Letras e mestrado em Proeja na perspectiva da Educação Ambiental. Atualmente é professora no Instituto Federal Goiano

Este texto busca, por um lado, elucidar as concepções dos professores, dos Cursos Técnicos e Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens



e Adultos (Proeja), sobre a docência, o ensino e a aprendizagem e a percepção que eles têm dos estudantes e, por outro lado confrontar os aspectos de identidade e de diferenças entre as duas modalidades de cursos. Os dados para a reflexão foram coletados numa roda de conversas com os professores. A pesquisa foi construída a partir das narrativas de 22 professores dos cursos técnicos e de Proeja, numa roda de conversa, realizada em 2016, em um dos Campi do Instituto Federal Goiano³. A roda de conversa é uma metodologia que permite uma aproximação com a realidade por meio do diálogo e permite aos envolvidos tornar a conversa um espaço de reflexões. Assim, os docentes dos cursos técnicos e do Proeja relataram durante a roda de conversa, suas experiências, perspectivas e concepções de formação e do exercício da docência orientam e dão sentido as suas práticas. A roda abordou os seguintes aspectos: apresentação dos docentes; sua atuação predominante no exercício da docência, se no Técnico ou no Proeja, os anos de docência e no IF Goiano; perfil dos estudantes (sexo, faixa etária, classe social, capital cultural, questão empregatícia, cor e o que mais gostam de ler e expectativa com o curso profissionalizante). Busca-se compreender as possibilidades dos cursos técnicos integrados ao médio na modalidade de EJA em um Campus do IF Goiano, evidenciando aspectos relevantes do público de jovens e adultos e da prática docente para esse público. Sujeitos que tiveram negado o direito à educação e cuja diversidade apresenta inúmeros desafios para a docência: como lidar com a relação exclusão e direito à educação? Como trabalhar com a diversidade do público de EJA? A investigação fundamenta-se nos documentos que orientam a Educação de Jovens e Adultos: O Documento Base do Proeja e o Documento Nacional Preparatório a VI Conferência Internacional de Educação de Adultos, que traz o direito à educação e à diversidade como as questões irredutíveis da EJA e naqueles autores que colocam o acesso das novas gerações ao conhecimento científico, como o cerne da atividade docente. A investigação assinala as possibilidades de Proeja em um campus do Instituto Federal Goiano, evidenciando aspectos relevantes dos sujeitos da educação de jovens e adultos e do ensino para o público.

Palavras chave: Sujeitos da EJA; Proeja; Docência; Direito à educação; Diversidade na EJA.

5) ORGANIZAÇÃO EM REDES DO PORTAL DO FÓRUM GOIANO DE EJA: ESPAÇO DE FORMAÇÃO POLÍTICA?

Kátia Helena Hilário Firmino Ferreira – Graduada em Pedagogia/UFPG; bolsista Probec

Esse resumo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso construído a partir da pesquisa junto ao projeto de extensão (Fórum Goiano de EJA e Grupo de Estudos sobre a Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos – Geaja) no qual o Fórum e o Portal do Fórum Goiano de EJA encontram-se vinculados. Tem por objetivo compreender a importância da ferramenta de monitoramento de tráfego Google Analytics implantada no Portal do Fórum Goiano de EJA. E ainda, refletir acerca das possíveis contribuições a partir dos dados gerados pela mesma. O Fórum Goiano de EJA faz parte da mobilização dos fóruns de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, na luta por políticas públicas, na articulação com diversos segmentos da sociedade interessados na modalidade, no intuito de efetivação do direito à educação. O Portal dos Fóruns EJA Brasil (www.forumeja.org.br), criado em 2005, teve no ano seguinte aquisição do “domínio – org”, o que possibilitou maior autonomia dos 26 sítios estaduais e distrital dos portais EJA. A coordenação geral do Portal encontra-se na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UNB), porém cada estado é responsável pela alimentação dos seus sítios virtuais, de maneira coletiva, o que se torna um desafio de

³ O Campus não será identificado.



articulação em redes. A base física e hospedagem no servidor encontram-se na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), com orientação tecnológica realizada pelo Centro de Desenvolvimento de Tecnologia e Conhecimento-CDTC/UnB. Desde que foi criado o Portal do Fórum Goiano de EJA, em 2005, a coordenação é realizada pela Coordenação do Fórum Goiano de EJA, em parceria com representantes da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (FE/UFG), e tem sido mantido por meio do Projeto de Extensão EJA: Fórum Goiano de EJA e Grupo de Estudos sobre a Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos (Geaja), por meio de bolsistas, que procuram mantê-lo atualizado. Toda a construção do Portal depende do engajamento dos membros envolvidos no movimento, da socialização, disponibilização e envio de materiais produzidos pelos sujeitos da EJA. Em 2010 solicitamos a colocação no Portal Goiano de sistema de contagem de acesso, contudo somente em 06 de junho de 2016 ela foi ativada: o Google Analytics⁴, uma ferramenta de monitoramento de acesso e tráfego de dados, que possibilita a análise do comportamento de usuários durante a navegação em sites. Com ela é possível analisar entre outros aspectos, o número total de visitantes, visitante único e visitantes que retornam ao site, além da localidade dos mesmos. Os dados obtidos no que se refere à primeira semana de monitoramento de acesso informaram 998 acessos de página; e nas páginas acessadas, percebe-se uma grande quantidade de conteúdos, postados ao longo desses anos por bolsistas que vem trabalhando nesse projeto de extensão. O quadro abaixo refere-se ao primeiro relatório mensal das visualizações, que referem-se a publicações de teses, artigos e dissertações, além de atualizações das ações realizadas em parceria a Secretaria Municipal de Goiânia, Reuniões do Fórum, Centro Memória Viva e Grupo de Estudos Geaja.

Tabela 1 - Visualizações por Título da Página

Posição	Título da página	Visualizações de página
1.	Fórum goiano de EJA	2.778
2.	Publicações	734
3.	Pesquisas	605
4.	Secretarias Municipais de Educação	375
5.	Artigos	310
6.	Grupos de Estudo	304
7.	Ensino	239
8.	SME Goiânia	236
9.	Mídias	226
10.	Buscar	217

Fonte: Google Analytics – Portal do Fórum Goiano de EJA

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos (EJA), Fórum Goiano de EJA, Portal do Fórum Goiano de EJA; Google Analytics.

⁴ Todas as informações e atualizações a respeito da ferramenta estão disponíveis no <http://www.academiadomarketing.com.br/>.



6) EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM GOIÁS: DA NEGAÇÃO AO DIREITO À EDUCAÇÃO. A CONTINUIDADE É POSSÍVEL?

Raísa Gabriele Martins Bomfim - Graduanda em Pedagogia/UFG; bolsista Probec

O presente trabalho resultado Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem por objetivo compreender as questões relacionadas à Educação de Jovens e Adultos enquanto direito garantido por diversos documentos oficiais no Brasil e mundo, e ainda a possibilidade da continuidade educacional desta modalidade nos municípios de Aparecida de Goiânia, Luziânia e Goiânia. Dessa forma objetiva-se compreender, investigar e discutir sobre o direito subjetivo à educação, aqui delimitada a EJA e sua real efetivação, a fim de contribuir com os debates desta modalidade educacional. A pesquisa parte de interesses advindos da experiência como bolsista do Fórum Goiano de Educação de Jovens e Adultos (Fórum Goiano de EJA) nos últimos dois anos, da imersão nas discussões, questionamentos, leituras, encontros e debates de assuntos relacionados à Educação de Jovens e adultos (EJA). Este estudo visa identificar se os municípios goianos que atuam no Fórum Goiano de EJA fazem o atendimento conforme previsto nas legislações específicas e se há, na prática, a garantia de continuidade educacional dos alunos matriculados na EJA. Para essa pesquisa, de caráter bibliográfico e documental, utiliza-se obras que discorrem sobre a EJA no Brasil, sobre políticas públicas para EJA, utilizando da análise dos dados disponibilizados pelos municípios em questão, e ainda os disponibilizados pelo INEP/MEC, IBGE e PNAD. A presente investigação, portanto, indica a necessidade da construção de políticas públicas de Estado para que a EJA de fato materialize o direito à educação de qualidade para todos. Identificamos pelos dados dos municípios pesquisados Mesmo sendo amparado pela Constituição Federal de 1988 e a LDB 9394/96, que previa a obrigatoriedade e a gratuidade da educação a todos, independentemente da idade, diante das reformas neoliberais do governo Fernando Henrique Cardoso no início da década de 1990, a EJA começou a perder espaço nas ações do governo e causando uma ruptura e limitações na oferta e garantia do atendimento a modalidade. Além disso, a Emenda Constitucional 14/96 deu nova redação ao referido artigo retrocedendo diante da obrigatoriedade do Estado no atendimento da população jovem e adulta, mantendo somente a sua gratuidade. E, apesar das garantias estabelecidas legalmente, na prática a concretização do direito à educação não está sendo efetivada para transformar a situação de exclusão da maioria de população que depende dessa modalidade educacional: o Plano Nacional de Educação, que serve como referência para os planos estaduais e municipais, mostra-se frágil diante o não cumprimento de suas metas no prazo estipulado no próprio documento; os Fóruns Estaduais de Educação de Jovens e Adultos têm pressionado os governos pela oferta e qualidade da educação de adultos, e nesse sentido o Fórum Goiano de EJA tem agido junto aos municípios com visitas e diálogo junto aos gestores, formação continuada dos profissionais, reuniões e encontros de formação, estudo e planejamento de estratégias de ação para garantia do direito à EJA, que perpassam desde a mobilização de jovens, adultos e idosos para o retorno e continuidade da educação básica, mobilização de instituições, gestores e profissionais da educação, palestras, encontros estaduais, regionais e nacional, entre outras ações. Nos municípios analisados, apesar de atender a modalidade (à exceção do município de Aparecida que no âmbito do poder municipal não tem ofertado turmas de EJA), existe em alguns casos pouco acesso à continuidade educacional desses educandos, o número de vagas é insuficiente para a demanda de analfabetos existentes e pessoas que não concluíram sequer a educação básica. Além disso, há municípios que não tomam a EJA como um direito, como no caso de Aparecida de Goiânia. E em outros casos a oferta está localizada apenas em espaços centrais da cidade. E no caso de Goiânia, que tem ofertado turmas em diversas



localidades e horários, a mobilização por parte da própria SME tem sido relegada às escolas, e/ou Fórum de EJA. Os municípios precisam criar ações e propostas educativas para implementar políticas públicas de Estado para a EJA, e não apenas políticas de governo, de modo a proporcionar não só o acesso, mas garantir a permanência, conclusão e continuidade à educação aos cidadãos, jovens, adultos e idosos desses municípios, o que passa desde a mobilização; organização de turmas que garantam tempo, espaços adequados ao processo ensino-aprendizagem; formação continuada; materiais didático-pedagógicos adequados; apoio para a frequência e permanência na escola, por meio de bolsas; formas de acolhimento aos filhos pequenos dos educandos que não têm com quem deixá-los durante as aulas, etc. A pesquisa evidenciou o importante papel do Fórum Goiano de EJA, como movimento social, comprometido com o direito educacional desse público, buscando através de suas ações e com a mobilização junto aos parceiros, resultados e ações contínuas dos governos na construção de políticas públicas de Estado que respeitem a especificidade do público da EJA, que precisa de ações pedagógicas flexíveis e organização curricular que levem em consideração os saberes já adquiridos ao longo da vida, abandonando as práticas aligeiradas e enraizadas no conteúdo, sem relação com a vida dos sujeitos.

Palavras-chave: EJA; Políticas Públicas; Fórum Goiano de EJA

7) PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ESTUDANTES DO CURSO TÉCNICO INTEGRADO NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO IFG CÂMPUS GOIÂNIA OESTE E SUA RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM

Viviane Rosa da Silva - Instituto Federal de Goiás, Campus Goiânia Oeste; Bolsista Capes/Obeduc UFG.

Esta atividade faz parte do projeto acima intitulado e que tem como objetivo pesquisar o perfil socioeconômico dos estudantes do Curso Técnico Integrado em Enfermagem na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos no Câmpus Goiânia Oeste e analisar como ele influencia no processo de aprendizagem destes estudantes. Esta é uma pesquisa qualitativa, e para o levantamento de dados foi aplicado questionário junto aos estudantes e também houve realização de grupo focal com os mesmos. Alguns documentos que norteiam a pesquisa são o Parecer nº 11 de 2000, a Resolução nº 1 de 2000 e o Decreto 5.840 de 2006. A necessidade de oferecer educação para jovens e adultos que por algum motivo se afastaram da escola em tempo regular é um fato antigo na história do Brasil, porém não superado. Até a década de 90 a educação ofertada a esse público era nomeada ensino supletivo. Os supletivos eram ofertados por meio de programas de governo, em parceria com instituições conveniadas e pelas instituições privadas. Portanto, a EJA como modalidade de educação só foi reconhecida no Parecer 11/2000 e pela Resolução CNE/CEB 1/2000 que estabelece as diretrizes e bases destinadas e específicas a ela. O Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006 institui o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Por este, a integração poderá ser articulada tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Por meio deste Decreto, a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, passa ofertar, de forma orgânica, cursos vinculados aos estudantes da EJA. Assim, compreende-se que estudos vinculados à Educação de Jovens e Adultos poderão contribuir para a afirmação e consolidação desta modalidade no Instituto Federal de Goiás.

Palavras-chave: Perfil; socioeconômico; EJA; aprendizagem.

8) INTERVENÇÃO PARTICIPATIVA POR MEIO DO USO DA TECNOLOGIA EM TURMAS DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

Wallace Roza Pinel - Universidade de Brasília – UnB; Mestrando em Educação – Bolsista Obeduc/UnB



No primeiro semestre de 2016 uma equipe de estudantes da UnB, ligada ao projeto foi encaminhada para o início dos trabalhos na cidade satélite de Sobradinho – DF junto a duas escolas de EJA primeiro segmento com turmas de alfabetização de adultos. Devido à inovação, com o trabalho voltado às turmas do segmento inicial de alfabetização, ocorreram em horário separado ao longo da semana oficinas pedagógicas no espaço da FE/Unb de modo a ambientar a equipe – inicialmente composta de 4 (quatro) estudantes, sendo 1 (um) mestrando em educação e 3 (três) graduandas. Cabe esclarecer que mesmo para a equipe pedagógica do projeto foi uma novidade o trabalho com turmas de alfabetização de adultos no Distrito Federal. Por um período de 2 (dois) meses por duas vezes na semana a equipe desenvolve atividades nas escolas participantes, quais sejam: Escola Classe Engenho Velho, situada na zona rural; Escola Classe 16, zona urbana. A aproximação inicial, junto à comunidade escolar, deu-se de modo a aproximação teórica com a pedagogia freireana, procurando o estabelecimento de relações horizontais, por meio do diálogo e do protagonismo daquela comunidade local. Cabe neste momento caracterizá-las, a primeira composta majoritariamente por imigrantes nordestinos em idade adulta e no mercado de trabalho precarizado, à procura de melhoria profissional. Na segunda escola o grupo trabalhado mudava a configuração de pessoas, sendo esta composta majoritariamente de aposentados e aposentadas que buscavam no espaço escolar uma atividade social de interação. A partir de rodas de conversa procurou-se conhecer os problemas que afetavam aquelas comunidades e a partir deste conhecimento se decidir em conjunto quais estratégias pedagógicas e tecnológicas seriam utilizadas no trabalho educativo junto àquelas comunidades escolares. Na EC Engenho Velho optou-se por temáticas ligadas principalmente aos conflitos do mundo do trabalho bem como dificuldades de transporte público naquela localidade optando-se pela produção de vídeos, por meio de celulares, que abordassem os temas. Na EC 16, situada junto à comunidade da Nova Colina em Sobradinho, optou-se pela produção de vídeos com os relatos das histórias de vida das pessoas que compunham aquele espaço comunitário e escolar, não apenas dos estudantes, mas também das professoras, equipe gestora e funcionários da escola. Durante a produção dos vídeos os bolsistas do projeto procuravam de forma contínua e integrada participar das atividades junto aos grupos quer seja ajudando a confecção dos roteiros, ou ainda na produção das cenas, tendo em vista o fato de os alunos estarem em turmas de alfabetização, os mesmos ainda não possuíam domínio completo da escrita, sendo necessária esta participação das estudantes da UnB. Finalizado os trabalhos de roteirização e produção, partiu-se às gravações, às quais transcorreram em espaços dentro e fora das escolas. Após o término das gravações, seguiu-se a edição dos vídeos, em parceria com os estudantes da UnB, culminando com a apresentação dos trabalhos no final do ano letivo no Teatro de Sobradinho em momento aberto à toda comunidade local, em um encontro coletivo de ambas escolas.

Palavras-chave: Alfabetização; Tecnologias Educativas; EJA; Periferias Urbanas

9) EXPERIÊNCIAS COLABORATIVAS NAS OFICINAS DO TRANSIARTE NO INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA

Pedro Henrique Isaac Silva - Instituto Federal de Brasília –São Sebastião; Doutor/Bolsista Obeduc/UnB

Márcia Castilho Sales - Universidade de Brasília – UnB; Doutoranda/Bolsista Obeduc/UnB

Walace Roza Pinel - Universidade de Brasília – UnB; Mestrando/Bolsista Obeduc-UnB

No ano de 2016, foi iniciado, no Campus São Sebastião do Instituto Federal de Brasília, a implantação do Proeja Transiarte, projeto de pesquisa da Faculdade de Educação/UnB, em parceria com a CAPES, que busca inserir uma nova metodologia de ensino-aprendizagem a partir de uso de tecnologias digitais. Transiarte, ou arte de transição, é uma ponte entre a arte não digital e a arte digital colaborativa, pela qual o educando aprende colaborativa e dialeticamente a partir da inclusão digital. A metodologia utilizada é a da pesquisa-ação, que considera as



especificidades e mudanças no campo. No processo de intervenção, estudantes, pesquisadores e professores trabalham na produção de conteúdo audiovisual digital que se propõe a discutir assuntos ministrados em sala de aula, oriundos de seus cotidianos. Este conteúdo audiovisual é utilizado, ele mesmo, como material didático nos processos formativos posteriores, podendo, inclusive, serem modificados, acrescidos, suprimidos, não constituindo um produto finalizado. Em São Sebastião/DF, as oficinas do Transiarte ocorreram durante a disciplina “Sociedade e Trabalho” sendo as questões do mundo do trabalho objeto de reflexões ao longo das oficinas compondo a temática tratada nos vídeos. Ao longo do ano, foram produzidos, a partir das oficinas do Transiarte, 20 (vinte) vídeos que tratavam diretamente das questões vivenciadas pelos próprios alunos, consistindo num momento importante de reflexão e a busca de soluções e intervenções para uma possível solução do problema. Todo o processo foi realizado a partir dos seguintes passos: discutir em grupo problemas do ambiente de trabalho vivenciados pelos alunos; discussão sobre os problemas, trazendo informações, reflexões e alternativas de solução; definição de uma temática a partir dos problemas discutidos pelos alunos nos grupos; definição e organização do enredo e roteiro; gravação dos vídeos; oficinas de edição de vídeo; apresentação dos vídeos produzidos. Cerca de 150 estudantes participaram das atividades do projeto em São Sebastião. Os vídeos foram apresentados na Semana Acadêmica do Campus e atualmente se encontram disponíveis no YouTube, assim como na plataforma do Transiarte na internet.

Palavras-chave: Educação Profissional; Tecnologias Educativas; Redes Colaborativas; Sociologia do Trabalho

10) O QUE PODE A EDUCAÇÃO FÍSICA PAUTADA NA IDEIA/DESAFIO DO “MOVIMENTO PENSAMENTO” EM TURMAS DE PRIMEIRO SEGMENTO EM UMA ESCOLA DE EJA?

Vinícius Penha - EMEF EJA Professor Admarco Serafim de Oliveira; Professor de Educação Básica do Núcleo I PPG/UFES; Doutorando do Centro de Educação Física e Desportos/UFES; Bolsista Capes/Obeduc

Trata-se de um projeto de pesquisa a ser desenvolvido no curso de doutorado do Programa de Pós-graduação *Strictu Sensu* em Educação Física, vinculado à área de concentração Estudos Pedagógicos e Socioculturais da Educação Física em sua linha de pesquisa Educação Física, Cotidiano, Currículo e Formação Docente. O projeto tem como objeto de estudo investigar a articulação entre uma educação física pautada na ideia/desafio do “*movimento pensamento*” (BRACHT, 2003) e o processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos, sem que seja um componente curricular que auxilie na alfabetização de modo secundário ou coadjuvante, mas que seja, de fato, um componente curricular que também alfabetiza. Portanto, o projeto pretende fugir da armadilha de colocar a educação física como um apêndice de algo (no caso, a alfabetização), mas como uma área de conhecimento que junto com outras áreas participa como protagonista desse processo. Tal proposta de investigação tem a pretensão de colocar em questão o sujeito que “se movimenta” nos temas da cultura corporal de movimento e que está balizada nos registros que tenho produzido desde o ano de 2014 quando ingressei no território da Educação de Jovens e Adultos. Registros esses que vêm ganhando consistência e sendo substrato de análise (reflexão e formação) não só minha, senão por toda a escola, na medida em que os registros são socializados entre as/os colegas de trabalho. Portanto, investigar minha própria prática é compreender que o docente é também pesquisador de sua prática, pois necessita buscar o que ainda não conhece (FREIRE, 1996), o que torna o registro um recurso importante para análise e reflexão do que temos produzido, tendo uma dimensão interessante do processo que está sempre em construção. A maneira como as práticas vêm sendo registradas está caracterizada como “Diário de Bordo”, baseado na pista cartográfica “Diário de bordo de uma viagem-intervenção” (BENEVIDES; PASSOS, 2009) presente no método da cartografia. Nesse sentido, o caminho investigativo desse estudo estará referenciado no método da cartografia e, segundo



Passos, Kastrup e Escóssia (2009, p. 10), o sentido conferido à cartografia passa pelo “acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas”. Como se trata de um projeto de pesquisa, ainda não há qualquer indício de considerações acerca do objeto, sobretudo porque estamos no início do percurso, há apenas seis meses de caminhada vivendo a fase do levantamento bibliográfico sobre a relação entre educação física e alfabetização na educação de jovens e adultos.

Palavras-chave: educação física; educação de jovens e adultos; alfabetização.

18h 30min às 20h- Rodada de perguntas e debate sobre as pesquisas apresentadas
20h10min – Reunião geral dos coordenadores de projetos

18/02/2016

8h 30 min

- Apresentação de pesquisas de mestrado/doutorado/graduação/educação básica/experiências e práticas

Tema: EJA e a Diversidade: sujeitos, desafios, educação profissional

Coordenador/a e debatedor/a: Prof. Dr. Erlando Rêses; Prof. Dr. Lúcio Teles

1) INSERÇÃO E PERMANÊNCIA NO PROEJA

Reginaldo Flexa Nunes - Instituto Federal do Espírito Santo – *Campus* Vitória; Professor de Educação Básica do Núcleo I PPG/Ufes; Mestrando em Educação/Ufes; Bolsita Capes/Obeduc

A presente investigação situa-se na confluência dos campos da Educação de Jovens e Adultos e da Educação Profissional Técnica de Nível Médio e tem como objeto de estudo o Curso Proeja de Edificações do Ifes *campus* Vitória que vigorou no período de 2010 a 2014. Pretendemos contribuir para o debate relacionando a inserção/permanência no Proeja com o direito à educação. Para isso, utilizaremos a categoria da mediação como estratégia para tratar o tema sem, evidentemente, deixar de utilizar-se de outras categorias do materialismo histórico e dialético como totalidade, práxis e contradição articuladas entre si (CIAVATTA, 2009, KUENZER, 2013, FRIGOTTO, 2010). A abordagem metodológica constituiu-se de cunho qualitativo, através da realização de entrevistas e análises documentais. As conclusões preliminares indicam que o Proeja, como política pública, representa a singularidade da relação entre trabalho e educação no contexto capitalista (totalidade). A inserção/permanência apresenta-se como particularidade (campo das mediações) dessa política. Portanto, as contradições da oferta vagas (inserção) e da permanência apontam para o direito à educação e a crise de hegemonia na atualidade brasileira.

Palavras-chave: inserção; permanência; mediação e PROEJA.

3) DESAFIOS DA ESCOLARIZAÇÃO DE ADOLESCENTES EM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE SEMILIBERDADE

Adrielle dos Santos Rodrigues Siman - Universidade Federal do Espírito Santo; Aluna de Iniciação Científica do Núcleo I PPG/Ufes; Bolsista Capes/Obeduc

Este trabalho tem como objetivo compreender os desafios da prática educativa com os adolescentes em medida socioeducativa de semiliberdade matriculados na EMEF EJA “Professor Admardo Serafim de Oliveira”, durante o período de 2015 a 2016, na busca de identificar as condições de inclusão e permanência desses sujeitos na escola. Tem como base teórica a legislação pertinente voltada para os direitos da criança e do adolescente, de forma articulada com autores tais como Foucault, ao discutir a docilização dos corpos e Paulo Freire, ao enfatizar a importância de se considerar o trato da identidade cultural dos sujeitos pelos professores. A pesquisa de cunho qualitativo teve como estratégia metodológica o estudo de caso. Tomamos como instrumentos de pesquisa, a observação, registros em diários de campo, entrevistas, documentos oficiais, acompanhamento e participação nos planejamentos e formação continuada



dos professores. Foram entrevistados (04) quatro professores, (01) um pedagogo, (01) um coordenador e o diretor da escola, buscando assim pela escuta apreender o que pensam sobre a inserção desses adolescentes na escola e como se dá a formação continuada envolvendo a preocupação com esses sujeitos. Dentre os resultados encontrados destacamos alguns desafios: a descontinuidade no processo de escolarização desses sujeitos a partir do momento que recebem o alvará de soltura; a garantia de que a Casa também seja um espaço educativo; a dificuldade dos professores de lidar com as estratégias utilizadas pelos estudantes para escapar do espaço de sala de aula; dentre elas a ida ao banheiro e o tempo que tomam para retornar para a sala de aula, bem como de cumprir o acordo de horário de intervalo.

Palavras-chave: EJA; Escolarização; Medida Socioeducativa; Semiliberdade

4) RELATO DE EXPERIÊNCIAS DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS REALIZADAS EM DISCIPLINAS TÉCNICAS

Selena Carvalho Martins - Professora da Educação Básica IFG - Bolsista Capes Obeduc/ Universidade Federal de Goiás (UFG)

Este trabalho é a apresentação do relato de experiência de uma série de atividades pedagógicas realizadas com sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a Educação Profissional (EP) no ensino médio com formação integrada para jovens e adultos trabalhadores, no Instituto Federal de Goiás (IFG), no curso Técnico em Cozinha, Campus Goiânia-Goiás. São sujeitos de diversas turmas e de idades variadas. É um trabalho qualitativo que visa demonstrar o universo da área técnica demonstrando que ela pode ampliar a esfera perceptiva e intelectual do sujeito superando as noções meramente tecnicistas e colaborando para a formação omnilateral do sujeito.

5) O PROEJA TRANSIARTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM DUAS ESCOLAS DE SOBRADINHO-DF

Luís Fernando Celestino da Costa - Mestrando em Educação/Bolsista da Universidade de Brasília – UnB

No segundo semestre de 2016, foram realizadas atividades do PROEJA TransiarTE junto a duas escolas do Distrito Federal (DF), nas cidades de Sobradinho I e II, que distam, aproximadamente, 27km do centro da Capital Federal. Segundo dados do PDAD (2015), são regiões administrativas que possuem população estimada de 169 mil moradores, com 50% entre 25 e 59 anos de idade e renda domiciliar média de R\$ 5.650,00. A escolarização da população, nas duas cidades, corresponde 30% com ensino fundamental incompleto e 23% ensino médio completo. A maior parte dos ocupados desempenham atividades no comércio, administração pública e serviços gerais. A experiência ocorreu no período noturno em duas escolas. A primeira, localizada em Sobradinho II, Escola Classe 17 de Vila Rabelo oferta o ensino regular dos anos iniciais do ensino fundamental e o primeiro segmento da educação de jovens e adultos. Duas turmas participaram do processo PROEJA TransiarTE, uma do terceiro e outra do quarto semestre da EJA. Os estudantes/trabalhadores participantes eram, em sua grande maioria, adultos, com idades acima dos 35 anos, nascidos em cidades do nordeste e trabalhavam em outras regiões administrativas do DF. Já a segunda escola, localizada em Sobradinho I, Centro de Ensino Fundamental 05 oferta o ensino regular do ensino fundamental anos finais e o segundo segmento da educação de jovens e adultos. As duas turmas participantes foram do quinto semestre. Os estudantes/trabalhadores de cada turma possuíam composições diferentes, enquanto uma turma era composta por adolescentes com idades entre 16 e 17 anos nascidos no DF, a outra era composta por adultos, com idades acima dos 29 anos e nascidos em outros estados. O processo dialógico de discussão e escolha de temáticas/problemas se deu em rodas de conversa, respeitando as histórias/ experiências vividas pelos estudantes/trabalhadores, bem como a busca por mudança de determinada realidade por meio da pesquisa-ação (Barbier, 2004). As discussões buscaram dar voz aos sujeitos, estabelecendo uma relação horizontal e reflexiva perante os problemas levantados, principalmente com foco no mundo do trabalho e suas peculiaridades. Dentro dessa perspectiva, debateram-se temas relevantes da realidade social deles, buscando definir temas em comum a todos para que fosse possível dar prosseguimento na construção dos transvídeos. Todo o processo/etapas para a construção dos transvídeos passaram por essa construção coletiva, que demandava, em determinados momentos, empatia e compreensão de que juntos, poderiam buscar soluções concretas para o problema levantado. Essa construção se deu na relação entre estudantes/trabalhadores, professores e a equipe de pesquisa da Faculdade de Educação/Universidade de Brasília – UnB. Paralelamente às discussões e definição dos temas/problemas a serem



trabalhados, foi escolhida a linguagem cênica e promovida a inclusão digital por meio das tecnologias da informação e comunicação, principalmente as linguagens audiovisuais, com suporte em celulares, propiciando assim possibilidades de profissionalização desses jovens e adultos trabalhadores. Como resultado desse processo, cabe ressaltar o compartilhamento, envolvendo a apresentação dos transvídeos para as duas escolas e comunidade escolar; a demanda de outras escolas em participarem do projeto após vislumbrarem o resultado final; e a promoção da equipe gestora da EJA da regional de ensino de Sobradinho para a sede central da SEDF, a partir de 2017.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Educação Profissional; Pesquisa-Ação; Tecnologias da Informação e Comunicação.

6) A MEMÓRIA DA PRESENÇA FEMININA NO IFES CAMPUS VITÓRIA

Karla Renata Assis de Aquino - Instituto Federal do Espírito Santo – *Campus Vitória*; Aluna de Iniciação Científica do Núcleo I PPG/Ufes; Bolsista Capes/Obeduc

Essa pesquisa teve como objetivo norteador resgatar vestígios da memória do Instituto Federal do Espírito Santo no que diz respeito à inserção feminina no corpo discente da instituição anterior à década de 1970. De acordo com SUETH et. al (2009) algumas alunas estudaram na instituição nos anos 40 e desapareceram após serem consideradas inaptas para o trabalho. O referido autor fala ainda que somente a partir de 1972 foram criadas condições para o ingresso de mulheres na então Escola Técnica Federal do ES. Visando alcançar o objetivo exposto iniciou-se uma pesquisa documental/histórica com abordagem qualitativa. Foram feitos estudos no acervo da biblioteca Nilo Peçanha, que é composto por registros acadêmicos, atas de reuniões, jornais, registros fotográficos, dentre outros materiais. O primeiro objeto pesquisado foi o jornal *O E.T.V.* (fundado em julho de 1943, tendo sua primeira publicação em setembro do mesmo ano). A leitura foi feita de forma minuciosa e todos os dados considerados interessantes ao projeto foram anotados e fotografados, o que permitiu a produção de um diário de campo e a sistematização dos dados. Após meses de busca foram encontradas pistas concretas da presença feminina no Ifes, contrapondo-se aos estudos atuais que afirmam que a presença de educandas somente a partir dos anos 70. Uma minuciosa pesquisa desses objetos em busca de traços da presença feminina na instituição fomentará a produção de conhecimento da história da educação do Ifes na perspectiva dos Estudos Feministas contribuindo assim para diversas ações de pesquisas desenvolvidas no âmbito do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja) no Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) *campus Vitória*.

Palavras-chave: Memória; Ifes; Educação Profissional; Relações de Gênero.

7) DENSIDADE: ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR NA EJA – INTERVENÇÃO METODOLÓGICA

Jacqueline Maria Barbosa Vitorette e **Selena Carvalho Martins** — Professoras da Educação Básica IFG - Bolsistas Capes Obeduc/ Universidade Federal de Goiás (UFG)

Este trabalho é desdobramento do desenvolvimento de pesquisa sobre o currículo integrado com sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a Educação Profissional (EP) no ensino médio com formação integrada para jovens e adultos trabalhadores, no Instituto Federal de Goiás (IFG), no curso Técnico em Cozinha, Câmpus Goiânia-Goiás. Ele é uma produção do projeto Densidade: abordagem interdisciplinar na EJA - intervenção metodológica. No estudo das substâncias e rótulos dos alimentos industrializados os alunos do público jovem e adulto manifestaram confusões em relação ao entendimento do significado de *diet* e *light*. Com o objetivo de saber se se enfocasse neste assunto se estaria falando algo significativo, perguntou-se aos educandos o que era um alimento *diet* e *light* existe diferença? Eles responderam que são alimentos sem açúcar e gordura respectivamente que ambos são usados para diminuir as calorias para emagrecer. Os alunos trouxeram os alimentos que consumiam e se fez estudos dos rótulos destes produtos e outros se compararam com outros da mesma marca integral e diet ou light. Trabalhou-se a interpretação de textos a respeito do tema de forma dialogada e histórica.



Palavras-chave: EJA, metodologia, química.

9h30min- Rodada de perguntas e debate sobre as pesquisas apresentadas

Questão social que a gente aborda no Transiarte. A exemplo a questão da Ceilândia, uma região muito marginalizada, machista, em que buscamos trabalhar como resolver as questões sociais...

Cada etapa da educação tem uma especificidade. E a EJA tem a especificidade do aluno trabalhador e que vamos trabalhando com eles vai desde técnicas de teatro, produção/criação de histórias a partir da realidade deles, roteiros,

Precisa de uma vontade do profissional de fazer esta integração: temos de pesquisar, estudar para ensinar e aprender, ou seja tem que querer e ir fazer... Aprendi a fazer stop moshow, e além de orientar os alunos, precisa ter abertura para aprender com eles, com o colega, com as pesquisas...

O tempo da produção demanda bastante tempo... Mas é preciso ver como a tecnologia pode agregar: na sala de aula, no trabalho e no dia a dia deles também.

Currículo integrado é como esta borracha: de tanto ser usado deforma. O problema do Proeja é que o termo currículo integrado tem sido muito utilizado e pouco vivenciado. A escola recebeu um tanto de doutores e mestrados que não conseguiam enxergar um palmo a frente do nariz. Para ser do quadro da Universidade deveria ter que ter militância. Todos têm que militar: ser ético não é fácil: você tem que estar caminhando de tal maneira para enfrentar o desafio de aproximar o discurso da prática. E o professor tem que ter uma opção política e militar em favor dela.

O sentido da fuga é um dos aspectos que o trabalho dela aborda é o sentido da casa. Qual o sentido da fuga na casa e da fuga/evasão na escola. Fora a ideia do alvará que quando eles o recebem, podem parar de continuar na escola.

Walace: Quantos professores vieram da EJA? 2 apenas. Quantos tiveram professores da EJA? Nenhum se manifestou. Fortalece a necessidade da luta permanente. Temos de fortalecer a luta política pela EJA.

12h30min- Reflexões sobre a Rede de Pesquisa Obeduc UFES, UnB e UFG: metodologias utilizadas nas pesquisas, avanços, desafios/dificuldades e sugestões de encaminhamentos

Coordenação: Todos que assumiram a coordenação e condução dos debates; coordenadores e ex-coordenadores.

Gestor Vinícius do GEDF: Os doutores estão saindo assim assado da universidade. Hudson: este é o espaço da autocrítica. Educação não está isenta destas questões da sociedade. A identidade na EJA, os saberes populares e a grande bandeira é a da integração. Se a universidade não dialogar com a escola pública e a escola pública não levar até a universidade suas demandas como vamos avançar? Organizaremos um Fórum de debate sobre a questão da EJA e da EP. Convida para uma pactuação para elaboração do material didático.

Maria Luisa Pereira: retomar o que Paulo Freire nos trouxe – no ato de aprender – a questão dos ciclos vitais: por ex. ao trazermos a discussão sobre medidas socioeducativas, tratamos de adolescência e pouco sabemos deste sujeito da EJA (seus sonhos, seus desejos, questão da droga com experiências de alteração de consciência): do jovem trabalhador, o adulto trabalhador e o idoso trabalhador. Precisamos aprofundar mais o que é multi, inter e pluridisciplinaridade. Conhecer um pouco mais como cada disciplina se constituiu, em seus objetos e métodos e de que maneira ela pode ser libertadora. Como lidar com o conceito de totalidade. Autocrítica, militância e ação política, nos vários espaços: de convivência na família,



o sindical e o de trabalho. Que ações temos empreendido, com que frequência. Para muitos pesquisadores a dimensão do trabalho: e conhecer seus direitos, para que serve um sindicato... as ações e reações políticas. Temos que compreender melhor o que consideramos e queremos que seja com a universidade? Nós queremos só pegar o patrocínio da Capes com bolsas... ou vamos aproveitar este espaço de diálogo entre a educação básica e a universidade. Precisamos aprofundar sobre o papel dos Fóruns de EJA. Disse estar muito feliz a despeito do que tem visto no trabalho que conseguimos articular com a EJA. A ação direta do ter ou não partido, estar em um sindicato ou não... precisa ser pesquisado. Nós fomos nos reconhecendo nas possibilidades que são fruto desta instigação do trabalho que iniciamos em 2006 e 2007. Esta integração é um campo de luta em contraposição a um sistema individualista e nos processos formativos a tomada de consciência é num processo. Que conceito de corpo queremos para não ficar só na tentativa da cura, mas não cair no adoecimento.

Lúcio Teles: lógica formal e lógica dialética, o Transiarte está na segunda perspectiva, o indivíduo é ator/autor da sua história/arte. Estão numa arte interativa que está na produção pelos sujeitos. A transiarte está com uma motivação: taxa de evasão abaixou, houve inclusão digital... Curso de introdução de arte virtual (Ceilândia). Participação na construção de propostas pedagógicas. A Transiarte entra pela porta dos fundos: entra enquanto integração transdisciplinar e ao mesmo tempo contribui na formação profissional, abrindo as portas para isso. Para entender o transiarte implica o trabalho com a pesquisa-ação: desde descongelar a estrutura e contribuir para transformá-la. Trata-se de uma pesquisa

Edna destacou que precisamos aprofundar a questão da integração (da inter, multi e transdisciplinaridade). E levamos esta tarefa para casa em 2016 e conseguimos focar mais nas questões teóricas e práticas da integração. Conseguimos colocar de modo mais próximo a integração nas práticas do ensino fundamental e médio. Não conseguiram avançar na interlocução com as demais redes. Vão continuar no trabalho com os professores da Educação Básica. E têm buscado acompanhar os professores de alguma forma.

Karla: algo fundamental foi dar voz aos professores. Queremos continuar com este diálogo? Se sim como faremos? Quais são os meios?

Elando: Na continuidade do trabalho precisamos saber o que faremos. Tem Edital aí da Secadi para março, e que possibilidades teremos de ajuntamento com o engasgo que estamos com este governo. De ontem ficaram provocações... E fica nosso compromisso ético político com a pesquisa, com a EJA e com o Proeja. Estão com concurso na área de EJA em processo. E agora que a EJA está se tornando obrigatória no currículo.

Margarida: faz uma avaliação de no mínimo 10 anos pensando EJA e EP. A tentativa de tentar suprimir a lógica elitista da Capes. Foi uma conquista em 2 editais públicos seguidos ter uma articulação Pós-Graduação e Educação Básica. Em 2008 buscou defender a vinda de professores das redes municipais e estaduais de educação básica nesses processos de pesquisa, bem como os alunos de graduação e de pós-graduação. As dificuldades de enfrentar a questão do valor das bolsas e da permanência dos professores. Se a pesquisa é um benefício para dentro da rede, também caberia ao menos uma cessão de parte da carga horária dos profissionais para este trabalho. Podemos criar um bom banco de dados com o material que criamos na pesquisa. Que a UFES ou UNB assuma a coordenação do próximo projeto que vier.

Mad'Ana -Encaminhamento para dar continuidade: participação no Sindicato; trabalhar na graduação e pós-graduação com a EJA, estudo sobre o Davidov – ensino desenvolvimental.

13h 30min – Almoço

14h – Retomada das reflexões e encaminhamentos para a rede de pesquisa.

Coordenação: Edna Castro de Oliveira, Erlando Rêses/Lúcio Teles, Maria Emilia de Castro Rodrigues, Maria Margarida Machado.



Em 2017, apesar de não contarmos mais com bolsas a partir de fevereiro, concluiremos a elaboração do livro da Rede de Pesquisa. A UnB articulará com o Gestor Vinícius do GEDF, para organizarem um Fórum de debate sobre a questão da EJA e da EP. E, provavelmente pactuar para elaboração do material didático. Darão continuidade ao transarte, que tem contribuído: taxa de evasão abaixou, integração transdisciplinar, formação profissional, construção de propostas pedagógicas, houve inclusão digital... Curso de introdução de arte virtual (Ceilândia). Na UFES vão continuar no trabalho com os professores da Educação Básica. E têm buscado acompanhar os professores de alguma forma, dando voz aos professores. A UFG continua realizando o trabalho de formação continuada dos professores da SME de Goiânia.

Precisamos aprofundar sobre: os ciclos vitais: adolescência (seus sonhos, seus desejos, questão da droga com experiências de alteração de consciência), do jovem trabalhador, o adulto trabalhador e o idoso trabalhador; a questão da integração (o que é multi, inter e pluri e transdisciplinaridade); e conhecer um pouco mais como cada disciplina se constituiu, em seus objetos e métodos e de que maneira ela pode ser libertadora; como lidar com o conceito de totalidade; autocrítica, militância e ação política, nos vários espaços: de convivência na família, o sindical e o de trabalho; o papel dos Fóruns de EJA; a ação direta do ter ou não partido, estar em um sindicato ou não.... Também precisamos discutir a dimensão do trabalho: e conhecer seus direitos, para que serve um sindicatoparticipação no Sindicato...; trabalhar na graduação e pós-graduação com a EJA as ações e reações políticas. Temos que compreender melhor o que consideramos e queremos que seja com a universidade; e dialogar a educação básica e a universidade.

Após uma avaliação de no mínimo 10 anos pensando EJA e EP, é fundamental ter uma articulação graduação, pós-graduação e educação básica (professores das redes municipais e estaduais de educação básica). Dificuldades a enfrentar: a questão do valor das bolsas; a permanência dos professores; caberia ao menos uma cessão de parte da carga horária dos profissionais para a pesquisa. Que a UFES ou UNB assuma a coordenação do próximo projeto em rede. Na continuidade do trabalho precisamos buscar editais junto à Secadi. E fica nosso compromisso ético político com a pesquisa, com a EJA e com o Proeja.

16h – Encerramento

Relatório/Memória elaborado por: Maria Emilia de Castro Rodrigues (UFG), Sônia Maria de Almeida (IFMT) e Heliane Braga Coelho (IFG)